

“Não temos prós nem contras, nem sagrados nem profanos”: as representações do(s) feminino(s) nas narrativas do humor político do Pif Paf

Marcela Neves de Medeiros¹, UniRio
marcelanmedeiros@yahoo.com.br

1. À guisa de introdução

Tempos de prosperidade marcaram o início da década de 60, quando foi possível perceber o rápido crescimento econômico e tecnológico, proporcionado pela intensa industrialização e também pelo surgimento das multinacionais que empregavam abundante mão-de-obra barata e tinham um mercado consumidor promissor. Paes (1992, p.12)², afirma que

a prosperidade desses tempos expressou-se, sobretudo para as populações dos países desenvolvidos, no acesso crescente a uma multiplicação de bens materiais e culturais (...) Era a sociedade do consumo, que, além do elevado padrão de consumo e do avanço tecnológico, caracterizou-se ainda pela burocratização que se estendia por toda a vida social.

De fato, o mundo vivia sob o contexto da Guerra Fria entre EUA e URSS. No campo cultural, destacaram-se o Teatro Arena (reinterpretação dos clássicos mundiais considerando a realidade brasileira, com Juca de Oliveira, Paulo José), o CPC (arte popular apoiada pela UNE, presente em várias áreas: teatro, cinema, literatura, música, artes, sob lideranças de Vianinha, Carlos Estevam), o Cinema Novo (reflexão sobre a realidade brasileira, buscando uma identidade nacional autêntica do cinema e do homem, com Glauber Rocha, Cacá Diegues, Ruy Guerra, Arnaldo Jabor), o Teatro Oficina (nasce sob a ótica cultural de esquerda em busca do nacional-popular, da cultura brasileira, que mais tarde ajudaria a formar o movimento Tropicalismo, com José Celso, Chico Buarque), Tropicalismo (movimento, sobretudo musical, influenciado pela contracultura norte-americana, pelo “paz e amor” e “faça amor e não faça guerra”, com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé. A contracultura também pregava a liberdade sexual e o uso de drogas, como o LSD e a maconha, que aliados aos hippies resultavam em protestos de libertação do que era imposto pela sociedade capitalista, misturando elementos modernos com arcaicos). Após o golpe de 1964, os espetáculos eram usados pelos artistas como foco de resistência já que os setores populares foram reprimidos, sobrando para as classes intelectualizadas, como os artistas, estudantes e profissionais liberais.

¹ Mestranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).

² PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. São Paulo: Ática, 1992.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Para Marcelo Ridenti (2007, p.135)³, os anos 60 foram um momento da História Contemporânea que privilegiou a convergência revolucionária entre política, cultura, vida pública e privada e intelectualidade. De fato, para muitos autores a geração da pílula anticoncepcional, dos hippies, da paz e do amor, da busca pelo prazer, ou seja, da década de 60, representou aquela que procurou consolidar os valores de uma época tendo como cerne da questão a mulher. Esta foi reinventada sob diversas dimensões resultando no surgimento dos vários tipos de femininos.

É possível identificar previamente nas representações dos femininos dois discursos: os anos 60 significaram mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais; o acesso a informação (matéria-prima para a inserção nesse contexto) foi feito predominantemente por mulheres abastadas e brancas e que conseguiram ingressar na universidade.

As duas principais ideologias que existiram nos anos 60 foram a burguesa (crescimento econômico e bem-estar por meio de uma sociedade industrial e democrática) e a marxista (igualdade através do socialismo, bem-estar, instrução). Essa década direcionou o comportamento do jovem na busca pelo coletivo. Os anos 60 também são a luta pela emancipação feminina, a saída da mulher da vida privada para a pública tendo como condutora a americana Betty Friedman, assim também assinalado por Michele Perrot. A luta pela emancipação da mulher também passava pelas questões do corpo, do conhecimento e da beleza, com o surgimento da minissaia, do biquíni bem como a abolição do sutiã.

Pois oprimida pelos padrões de uma sociedade machista a mulher brasileira ultrapassa os anseios burgueses de se ter um marido, casa, filhos e estabilidade financeira. Houve necessidade de uma participação ativa na construção do mundo, a implantação da justiça, a discussão do prazer ligado à sua sexualidade. Nunca foi tão forte na sociedade brasileira o conflito entre gerações, rompendo limites domésticos, colocando-se no espaço público em oposição às atitudes dominantes da sociedade. Era necessário romper com as estruturas sociais, políticas, educacionais e econômicas do passado por meio de reformas políticas e sociais.

Todos esses conflitos são retratados, muitas vezes, pela imprensa alternativa, assim como pode ser verificado em Pif Paf. Tais publicações são realizadas e editadas em sua grande maioria por homens, que levados pelo machismo e opressão contra as mulheres, as retratavam com menosprezo que o humor satírico político na época permitia. Esse jogo de poderes entre homens e mulheres foi cenário desse humor, simbolizado por charges, contos, frases de efeito, fotografias, dentre outros, imbuídos de preconceitos e zombaria.

³ RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (O Brasil Republicano, v.4).

O humor satírico político simbolizado, aqui neste presente artigo, somente pelas charges publicadas no Pif Paf, tem uma natureza polifônica e dialógica construindo um discurso intertextual aceito na sociedade mesclando referências dos fatos cotidianos com acontecimentos sociais a que se referem. As charges, muito mais do que meras ilustrações em mídias alternativas no contexto da ditadura militar, quebraram paradigmas na linguagem jornalística habitual ao exigir do leitor reflexão e crítica social a fim de entendê-las. Elas se propõem a representarem o real carregado de subjetividade. Segundo Teixeira (2005)⁴, “a especificidade de seu discurso – informação por imagem – nos informa menos sobre a sociedade e mais do exercício de tolerância política que ela assegura aos seus cidadãos”.

É através do humor político que procuro resgatar o passado e reatualizar a memória, procurando nesse discurso refletir acerca das relações entre os sexos na década de 60, dos jogos de poderes que habitam o domínio privado do “sexo frágil” e o domínio público dos homens.

2. O Pif Paf e a Narrativa do Humor Político

Estabelecendo um quadro teórico-conceitual acerca desta pesquisa, correlacionando conceitos a discursos, é possível identificar alguns conceitos que deverão ser definidos ao longo dessa trajetória.

Consideram-se o homem e a mulher como categorias sociais e não naturais, cujo significado é dado historicamente e construído pelas circunstâncias culturais do seu universo.

Outro conceito importante para a confecção dessa pesquisa é o de charge, que será baseado principalmente nas premissas de Teixeira (2005): reproduz a realidade independentemente da razão, produz uma verdade independente da realidade e incorpora o humor como linguagem que produz uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão.

Para a análise do discurso das charges será usado o conceito de polifonia de Bakhtin, que em poucas palavras trata-se da inserção de textos em outro em função da presença do autor nesse contexto por meio de textos anteriores que o influenciam.

Data do período entre 1964-1980 o surgimento e a existência de cerca de 150 periódicos da dita imprensa alternativa, ou independente, ou nanica no Brasil. Caracterizava-se por ter uma posição polêmica (e a maioria das vezes política de resistência ao regime militar), estrutura modesta devido aos poucos recursos financeiros bem como o formato tablóide. Em relação à grande imprensa, era mais audaciosa ao denunciar as arbitrariedades comuns à época, como tortura, prisões; além de ir contra ao modelo político-econômico vigente.

⁴ TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005. (Coleção FCRB, Série Estudos, 2).

Pode-se dizer que Pif Paf foi uma publicação efêmera (teve apenas oito números). A idéia de fazê-la surgiu de Millôr Fernandes após a sua expulsão da Revista O Cruzeiro (nota-se que com o mesmo nome de sua sessão na Revista O Cruzeiro) em 1964, aproximadamente dois meses após o golpe civil-militar, com a companhia de Ziraldo, Jaguar, Claudius, Fortuna, Sérgio Porto e outros. Para Queiroz (2008, p.4)⁵, “o jornalista buscou nas estratégias humorísticas por meio das recriações e das invenções simbólicas uma maneira de expor suas idéias e indagações”. O periódico era voltado à crítica dos costumes da época e por ter sido feito nas proximidades do golpe, foi considerado uma resposta a ele, tornando-se um periódico de cunho político para o momento e seus leitores. Já para Freitas (2005, p.7)⁶, “Pif Paf em revista foi a primeira iniciativa editorial de resistência ao arbítrio do regime policialesco. Não nasceu nem viveu para fazer militância política, muito menos partidária, mas só por ser uma revista de humor já era uma afirmação de liberdade”.

Liberdade foi o lema e a palavra mais empregada no Pif Paf, assim como o próprio já dizia “em todos os números do Pif Paf falaremos da liberdade. É um assunto que nos tem presos”. Tal liberdade não poupava nada e nem ninguém, inclusive o Presidente da República Castello Branco. Breve foi a existência do Pif Paf (somente um ano), mas longa foi a sua vida já que influenciou outras publicações que o tiveram como modelo.

3. As representações das mulheres na década de 60

O feminismo presente nos EUA e na Europa na década de 60 está atrelado às questões políticas e culturais acerca dessas regiões. O capitalismo americano reforçava a idéia de prosperidade econômica, consumo, reforçava os valores morais e da família; que caiu por terra no início dos anos 60. Na Europa, o mito da revolução socialista também é destruído.

O movimento de mulheres – organização de mulheres em relação a algum fato a fim de que sejam eliminados os preconceitos a que estão submetidas – só irá surgir de fato no Brasil a partir da década de 60, época de transformações e mudanças de comportamento. As questões acerca da sexualidade somente serão discutidas mais tarde, pois ainda é forte a pressão exercida pela Igreja e a sociedade brasileira conservadora sob o argumento de ser promíscuo e ferir a moral, bem como alguns movimentos de esquerda machistas que estão mais preocupados com as questões políticas. Cenário esse típico do governo militar, que aliava as questões morais (a falta delas) com quem fazia oposição.

⁵ QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. PifPaf e Millôr: a densidade em tempos de efemeridade. Encontro de História Anpuh-Rio, 13. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2008.

⁶ FREITAS, Jânio de. Oito rodadas de Pif Paf. In: CARUSO, Eliana. **PifPaf**: quarenta anos depois. Rio de Janeiro: Argumento, 2005.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

A busca pela liberação feminina virá por meio da pílula anticoncepcional, tida como uma revolução no campo da sexualidade à medida que permitia a mulher a seu autocontrole. Colling (1997, p.41) ⁷ afirma que

a liberação das mulheres, proporcionada pela pílula, é acompanhada de revisões comportamentais. O casamento é questionado e a moda acompanha os novos tempos. A geração criada sob rígidas condições de repressão sexual inventa a minissaia e o biquíni. Para alguns é a expressão direta da liberdade emergente.

“Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, de 1949, é um marco de influência nos estudos acerca da questão da mulher e passa a ser leitura obrigatória para aquelas que desejavam se libertar e se liberalizar. Na referida publicação a autora aborda a relação homem-mulher até então pouco explorada, retomando discussões sobre os fatores biológicos e culturais, capazes de explicitar diferenças entre os sexos. A cultura tem uma função definidora no processo de ser mulher (“ninguém nasce mulher: torna-se mulher”), ou seja, as circunstâncias socioculturais atuam na construção do ser homem e do ser mulher, confrontando com as características inatas que definem os sexos. Assim, corrobora com o pensamento da década de 60: a emancipação da mulher não era uma questão de felicidade, mas de liberdade.

Mas a liberdade tão sonhada não era uma tarefa fácil de ser conseguida já que as mulheres estavam subvertendo a ordem estabelecida na época. A partir do momento em que as mulheres saem do privado (de meras donas-de-casa) para o público (trabalho remunerado fora de casa) passam a disputar com os homens o mercado de trabalho bem como ter direito ao prazer e de fazer política. Tudo isso assusta o homem, que acuado constrói um novo discurso para essa nova mulher: aquela que opta pelas transformações, pela pluralidade de comportamentos, não é pura e digna de ser sua esposa e mãe de seus filhos.

É importante salientar que na década de 60 havia três importantes papéis sociais femininos, segundo Faria (1997) ⁸: miss, professora e mãe. A beleza e a feminilidade eram fundamentais e ser miss significava ter status social, ter uma carreira de modelo e um marido rico. Para ser uma mulher bem-sucedida era preciso ser bem-casada, prendada e bonita. O único espaço profissional aceito para a mulher era o magistério, sempre relacionando mulher-mãe-professora.

4. As charges e a intimidade feminina desenhada no Pif Paf em tempos de ditadura civil – militar

Humor e imagem são instrumentos através dos quais a charge articula sua linguagem, e com os quais define o sentido final de seu discurso sobre os sujeitos e a realidade. O humor é uma

⁷ COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher a ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

⁸ FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

produção cultural, socialmente definida e historicamente determinada. A charge pode ser considerada como um instrumento de intervenção política, que encontra espaço nos jornais e nas revistas para a expressão de sua forma e significação de seu conteúdo, quebrando a monotonia e a objetividade do texto jornalístico com um discurso polifônico por meio de elementos textuais e imagéticos, ou ainda somente imagéticos.

Partindo da afirmação de Soihet (2004, p.16), “a charge foi um recurso muito utilizado para ridicularizar o movimento de emancipação feminina”, o que não foi diferente com o Pif Paf. No presente artigo abordarei charges do Ziraldo e do Jaguar, publicadas no periódico em estudo.



Figura 1: Charge Os grandes temas bíblicos (Jaguar)

A charge acima foi desenhada por Jaguar no Pif Paf n.6, p15. Pode-se perceber que “Os Grandes Temas Bíblicos” é decorrente de Adão, Eva e a serpente. Como dito anteriormente, a mulher bem-sucedida precisava ter além de outros atributos, a beleza, o que não ocorre com a Eva representada: acima do peso, cabelo despenteado, fala aos berros. Diante do paraíso em que viviam somente Adão, Eva e a serpente, o animal com seu poder de persuasão junto com a repulsa de Adão diante do relapso de Eva, conseguiu conquistá-lo.



Figura 2: Charge “minha gravata?” (Ziraldo)

Esta charge de Ziraldo, publicada no Pif Paf n.5, p.15, retrata o receio e a perplexidade do homem diante da liberdade da mulher: a moda dos anos 60 a liberou para usar o biquíni (ou como o Pif Paf chama, monoquíni). Tal temática foi alvo de quatro edições do periódico,

demonstrando o preconceito e ao mesmo tempo o temor com que as atitudes femininas eram executadas. Com tamanha liberdade, a mulher recorta a gravata do homem (indumentária formal) e com os retalhos confecciona o seu biquíni (indumentária informal), sem medo de mostrar o seu corpo. Enquanto o homem saía para trabalhar, a mulher ia à praia com um traje de banho de duas peças. É claro que há exagero em relação ao tamanho do biquíni aqui representado, apesar disso o uso de duas peças na praia no lugar do maiô foi um choque para a sociedade conservadora.



Figura 3: Charge: “e as meias sexy” (Ziraldo)

A charge acima desenhada por Ziraldo e publicada no Pif Paf n.8 p.16, representa com humor a liberdade sexual da mulher, que busca o seu prazer, é completamente sedutora. Com a permissão da sociedade para o uso do biquíni na praia, a mulher “exagera” ao vestir uma *lingerie* para freqüentar tal ambiente. Atitude inclusive reprovada por outras mulheres mais conservadoras. Com a liberdade sexual, a mulher se vestia para seduzir sem puderes.

Isso é que é ser vanguarda? O Pif Paf é considerado por muitos uma vanguarda cultural de esquerda. Em partes. Somente em algumas dimensões ele pode ser considerado vanguardista, como a política, por exemplo, porém é retrógrado em relação ao papel da mulher na sociedade, apresentando-se como machista (herança marxista).

6. Considerações Finais

A sociedade arraigada na divisão funcionalista na década de 60, onde havia afazeres específicos para cada sexo está intrinsecamente ligada à oposição público e privado. A história das mulheres é marginalizada pelos homens, como afirma Michele Perrot, em função de algumas fragilidades: preferência pelo estudo do corpo, sexualidade, maternidade e profissões femininas; vitimização da mulher; não consideração das práticas sociais e modos de resistências por alguns estudos; desconhecimento da história do feminismo. Para a autora, as relações entre os sexos são relações sociais (construção do feminino e do masculino). Os anos 60 também são marcados pela emergência do interesse da rebeldia a adoção do estruturalismo (reprodução, parentesco, etc).